

Até o finalzinho do ano passado eu tinha uma noção muito vaga do que era Comunicação Não-Violenta. Tinha começado a ler o livro do Marshall Rosenberg e lembro de ter pensado: "Cara, não vou conseguir fazer isso sozinha...". Mas daí eu estava envolvida em outras coisas, fechei o livro e o deixei de lado. Numa das sincronicidades impressionantes que vem me acompanhando ultimamente, em novembro do ano passado eu vi, aqui no Facebook, a divulgação de um curso introdutório que aconteceria em São Paulo no final de semana seguinte. Não fazia a menor ideia de quem era [Dominic Barter](#), aquela história de co-responsabilização financeira me pareceu bastante estranha, mas eu resolvi me inscrever e fiquei muito contente quando recebi a confirmação da minha inscrição. Fui, sem expectativas. Naquele final de semana eu voltei para casa com uma dor de cabeça que a muito tempo não sentia, como se todas as engrenagens enferrujadas dentro do meu cérebro tivessem começado a se mover novamente. Eu ainda não conseguia acreditar que algo assim pudesse existir. Estava acostumada com cursos que falam sobre coisas. Mas lá a CNV era vivida, encarnada, ação momento a momento. Fiquei fascinada com aquelas pessoas, com aquele acúmulo de diversidade, gente de todas as idades, lugares, gente muito diferente de mim, fazendo coisas muito distantes do que eu fazia, todas falando de si de uma forma que, para alguém que foi educada como eu, era exposição demais, franqueza demais. Pela primeira vez ouvi falar também do tal do moneypile, e quando o vi acontecendo, fiquei intrigada com a coragem e a vontade de mudança que vi naquilo. Não entendi muito do que aconteceu lá e entendia muito menos como aquilo poderia fazer parte da minha vida. Eu só sabia que queria incorporar a CNV nela. Mais do que isso, eu queria incorporar aquelas pessoas à minha vida. Me dei conta do quanto sentia falta de comunidade. Então, quando soube que iria acontecer outro introdutório no mês seguinte, eu corri pra me inscrever. Queria entender melhor, queria saber mais. E neste segundo intro de que participei ficou ainda mais claro que o que queria era, sobretudo, estar com aquelas pessoas, no meio daquele caos criativo, daquele desejo de servir a vida a qualquer custo posto em ação, daquele mundo de possibilidades muito novas pra mim. Queria fazer parte. Queria contribuir para que mais pessoas tivessem acesso. Queria fazer parte da organização e me colocar a serviço para viabilizar isso, junto com [Maristela](#), [Ana Terra](#), [Maria](#), [Adriana](#). E disse isso pra Ana, que me acolheu daquele jeito que só ela sabe fazer. Lembro que nos sentamos no chão no final do sábado, e ela me perguntou o que eu fazia, me contou o que ela fazia, escreveu seus contatos num daqueles papezinhos minúsculos e me disse: "Olha, gurria, tem uma parada de sistema restaurativo que a gente tá puxando aí que é bem legal..." E eu pensei: "Meu Deus, ainda tem mais coisa acontecendo! Eu quero!". Depois disso, tudo foi muito rápido. Muitas conversas e trocas de mensagens, traduções, meu mergulho nos sistemas restaurativos, o básico em junho desse ano (quando tive a oportunidade de fortalecer e criar conexões preciosas que continuam sendo cultivadas), Findhorn, conflitos bem cuidados, montanhas de dúvidas, dores, meu trabalho no hospital psiquiátrico, alguns acontecimentos que me ensinaram dura e inesquecivelmente a importância de uma rede de apoio, as recém-nascidas rodas de empatia... Não parece que faz apenas um ano que eu entrei em contato com esse mundo, finalmente encontrei algo pelo que procurei durante toda a vida e que nem sabia ser possível existir. Algo muito maior e diferente do que um jeito novo e "não-violento" de me comunicar. Comunidade. Gente que tem o mesmo desejo profundo de fazer a mudança que queremos ver. Como diz uma famosa prece do povo Hopi, nós somos aqueles por quem estávamos esperando. Neste último ano escolhi assumir isso e começar a me transformar em quem eu realmente sou. E essas descobertas têm sido surpresas cotidianas. Percebi com imensa alegria que mesmo nessa altura da minha vida, tão

próxima dos 50 anos, ainda tenho muito caminho pela frente, ainda há muito mais a descobrir, muito a aprender, muito a transformar. Me sinto plenamente viva. As escolhas que tenho feito exigem coragem, exigem abrir mão de pressupostos, introjetos, crenças, pensamentos, posses, coisas que fui acumulando durante a vida. As vezes dá muito medo. Desconstruir tantas certezas me é desconfortável, me desestabiliza, muitas vezes me arranca do chão e me joga a dimensões radicalmente desconhecidas. Mas apesar do medo eu estou gostando muito, gostando demais de acolher a incerteza e o não-saber. Agora eu sei que tenho companhia abundante nisso e celebro com imensa emoção e alegria.